

LEVANTAMENTO DOMICILIAR SOBRE O USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOTRÓPICAS ILÍCITAS ENTRE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE DO ALTO TIETÊ

Ana Angelica Dias

Anderson Santos da Conceição

Discentes do curso de Farmácia da Universidade Braz Cubas - UBC, Mogi das Cruzes (SP), Brasil; E-mail: santosanderson1901@yahoo.com.br

André Willian Hollais

Docente de Ensino Superior - Universidade Braz Cubas - UBC, Mogi das Cruzes (SP), Brasil; Doutorado em Farmacologia pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

RESUMO: A dependência química se configura como um problema de consequências sociais, e deve ser considerada um óbice à saúde pública. O uso de drogas, tal qual a adicção, não decorre exclusivamente da relação indivíduo-substância; existem muitos outros fatores relacionados. O consumo de drogas está intrinsecamente ligado à construção social e a ambientes que tornam a prática mais propícia. No caso de estudantes universitários a instalação e repetição do consumo de substâncias químicas podem ser resultantes da vida social intensa do referido grupo e da influência de colegas, haja vista que neste período o indivíduo está mais suscetível às novas experiências. Sabendo que o ingresso no mundo acadêmico constitui um período de grande vulnerabilidade para que adolescentes e jovens adultos iniciem o uso de drogas é necessário que sejam realizados levantamentos e estudos acerca de seu comportamento, envolvimento e relação com tais substâncias, com o intuito de coibir, prevenir e compreender a melhor maneira de precatar a prática.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Drogas Ilícitas; Estudantes Universitários.

HOME SURVEY ON THE ILLICIT USE OF PSYCHOTROPIC SUBSTANCES AMONG STUDENTS OF A UNIVERSITY IN THE HIGH TIETÊ REGION, BRAZIL

ABSTRACT: Chemical dependence is a problem with high social consequences and an impairment to public health. Similar to addiction, the use of illicit drugs is not an exclusive consequence of the subject-drug relationship since several other factors are related. Drugs are closely linked to social structures and to environments in which they become propitious. In the case of university students, the introduction and repetition of drug use may have been caused by the intense social life of the referred group and the influence of colleagues since during this period in life the subject is more prone to new experiences. Since the insertion into the university milieu is a period of deep vulnerability to the extent that adolescents and young adults start using drugs, surveys and in-depth studies must be undertaken on the behavior, involvement and relationship with these chemical substances to prevent the practice and understand the best way to shun the abuse.

KEY WORDS: Adolescence; Illicit Drugs; University Students.

INTRODUÇÃO

A dependência química constitui um dos maiores problemas sociais da atualidade, sendo assim um grande problema de saúde pública (YAMAGUCHI et al., 2008). O termo toxicod dependência, também conhecido como adicção, refere-se ao estado em que o usuário, cronicamente intoxicado, encontra-se compulsivo e concentrado na busca pelo uso da substância química. A dependência pode ser psíquica (quando existe uma tendência para a utilização da droga), física ou química (quando os processos fisiológicos do organismo estão comprometidos com o uso) (ROCHA, 2010). A *American Society of Addiction Medicine* denomina a dependência química como um transtorno neurobiológico crônico, o qual apresenta fatores genéticos, psicossociais e ambientais que interferem no desenvolvimento de suas manifestações (BARBOSA; MIRANDA; 2011).

Teorias comportamentais entendem a toxicod dependência como um comportamento adquirido e aprendido por reforços positivos e negativos. Desta maneira, passa-se da explicação de toxicomania centrada no indivíduo para a explicação centrada no comportamento/substância. O início do consumo constitui o processo de reforço positivo, em que o prazer decorrente do consumo de drogas ilícitas leva à repetição da prática. À manutenção do consumo atribui-se o reforço negativo, pois o uso de substâncias químicas ilícitas, nesse caso, é realizado para aliviar o mal-estar físico e psicológico decorrente da abstinência (FONTE, 2007).

Sabe-se que as propriedades reforçadoras das diferentes drogas com o potencial de abuso possuem relação com a ação (direta ou indireta) no sistema dopaminérgico mesocorticolímbico (KALIVAS; O'BRIEN, 2008). Todavia, tem sido admitido o fato de que as neuroadaptações associadas ao fenômeno de dependência química não são unicamente resultantes das propriedades farmacológicas comuns às drogas de abuso sobre a transmissão dopaminérgica mesocorticolímbica, uma vez que a regulação ambiental das alterações neurobiológicas por elas induzidas também é um fator crítico no desenvolvimento e expressão da dependência química (BERRIDGE, 2007).

Desta forma, existe um consenso de que a toxicod dependência não decorre estritamente da relação entre indivíduo e substância, mas emerge de pistas ambientais e da construção social, uma vez que em determinadas situações as representações sociais orientam as práticas, podendo influenciar no consumo de drogas ilícitas. É válido salientar que, mesmo abordando modelos psiquiátricos e comportamentais na adicção, a medicina tem progressivamente reivindicado a obrigatoriedade do acompanhamento médico e farmacológico dos indivíduos toxicod dependentes (PINTO, 2012).

Inúmeros estudos, com o objetivo de levantamento estatístico, foram feitos em universidades brasileiras e estrangeiras com o objetivo de obter dados importantes acerca do comportamento de estudantes que fazem uso de drogas lícitas e ilícitas, visto que o ingresso na universidade pode se tornar um período de maior vulnerabilidade para o início e manutenção do uso dessas substâncias (WAGNER; ANDRADE, 2008).

Vários são os motivos pelos quais estudantes universitários começam a fazer uso de substâncias psicotrópicas, dentre eles destacam-se a motivação familiar, dos meios de comunicação e de amigos, prazer, curiosidade e ociosidade. Já a manutenção do uso está associada geralmente a quebra de rotina e a redução dos efeitos de ansiedade e estresse (BOTTI et al., 2010).

O consumo de drogas por estudantes universitários pode acarretar impactos desfavoráveis já na vida acadêmica, resultando em falta de atenção durante as aulas, ausências, atrasos e maior sonolência (PEREIRA et al., 2008), acidentes automobilísticos, violência, comportamento sexual de risco, redução da percepção e estresse (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

Estes dados corroboram com estudos de levantamento estatístico deste gênero; estes, por sua vez, podem possibilitar adequações nos programas de prevenção de determinada comunidade, auxiliar na melhora da qualidade de vida e permitir o desenvolvimento de novas fontes preventivas, além de avaliar tendências ao longo dos anos, que possibilitarão melhor planejamento preventivo (WAGNER; ANDRADE, 2008).

Medidas profiláticas e corretivas necessitam

da atuação de múltiplas frentes como a rede de saúde pública, assistência social, segurança e de toda sociedade, inclusive a própria instituição de ensino. O *Office of Safe and Drug-free* do *U.S. Department of Education* sugere como medidas profiláticas a realização de atividades extracurriculares que não envolvam álcool e outras drogas, maior tempo de atividades extraclasse que mantenham contato com os professores, manutenção de bibliotecas e instalações acessíveis por mais tempo e limitação da disponibilidade de álcool e outras drogas dentro do campus e de suas proximidades. Como medida corretiva é sugerida a informação aos pais dos alunos que se envolverem com o uso de álcool e outras drogas dentro da universidade (ROCHA; CARDOSO, 2013).

Para Silva e colaboradores (2006) é necessária a realização de outros estudos que possam compreender o comportamento desse grupo de pessoas, haja vista que o uso de substâncias psicotrópicas no Brasil ocorre principalmente entre a população de adolescentes e jovens adultos, motivo que causa séria preocupação, uma vez que no país há cerca de 49 milhões de pessoas que possuem entre 15 e 29 anos. Este trabalho tem, portanto, a finalidade de levantar novos dados que possam contribuir com estudos que visem compreender o perfil de uso de substâncias psicotrópicas entre este grupo de pessoas.

2 METODOLOGIA

A referida pesquisa teve como público alvo os estudantes de uma Universidade do Alto Tietê. Foram entrevistados 612 alunos, o que compreende por volta de 2,5 a 4% de alunos, em sua modalidade presencial.

Dentre os critérios de inclusão destacaram-se os seguintes: (1) participação voluntária do aluno e (2) o aluno participante da pesquisa deveria estar regularmente matriculado em algum curso da instituição de ensino superior, em sua modalidade presencial, no período noturno. Quanto aos critérios de exclusão destacam-se os seguintes: (1) a não voluntariedade do aluno e (2) o aluno que não estiver regularmente matriculado em algum curso da instituição de ensino superior, em sua modalidade presencial, no período noturno.

Antes que fosse efetivada sua participação, cada

aluno participante recebeu explicação clara e precisa quanto aos objetivos, benefícios e prejuízos relacionados à sua adesão e participação neste projeto de pesquisa. Mediante ao aceite, o aluno preencheu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No formulário mencionado constaram questões que pudessem, de alguma forma, caracterizar o perfil do estudante participante, quanto ao uso/abuso das principais drogas psicotrópicas e ilícitas utilizadas, além de seu padrão de uso ao longo do tempo, ou seja, no último ano, no último mês, na última semana e nas últimas 24 horas, anteriores à realização da pesquisa.

Cabe ressaltar que o voluntário, ao participar da pesquisa, teve a total e irrestrita confidencialidade de suas informações resguardadas pelos pesquisadores participantes deste projeto. O formulário, uma vez preenchido, foi depositado pelo próprio participante em urnas devidamente lacradas, as quais foram abertas apenas quando findada a coleta de dados em meio à população teste. Ressalta-se que no formulário NÃO houve a identificação nominal do participante, sendo assim, impossível sua identificação, uma vez que o formulário tenha sido depositado nas urnas devidamente lacradas.

Aos voluntários participantes, uma vez assegurado o completo sigilo de informações, resguardou-se sua completa integridade física e psíquica. Assim, tais participantes NÃO foram expostos a nenhum tipo de desvantagem, prejuízo ou sanção, de ordem administrativo-institucional, individual, coletiva, ou ainda física e psicológica.

Todos os protocolos de pesquisa descritos neste trabalho foram previamente submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Braz Cubas (n° 028/14).

3 RESULTADOS

Conforme ilustrado na Figura 1, participaram da pesquisa 612 pessoas, 346 (57%) dos participantes eram do sexo feminino e 266 (43%) do sexo masculino. Dentre as 346 alunas entrevistadas, 225 (65%) tinham idade entre 18 e 25 anos e 121 (35%) faziam parte da faixa etária acima de 25 anos. Foram entrevistados 266 estudantes do sexo masculino, dentre os quais 193 (73%)

tinham idade entre 18 e 25 anos e 73 alunos (27%) tinham idade superior a 25 anos.

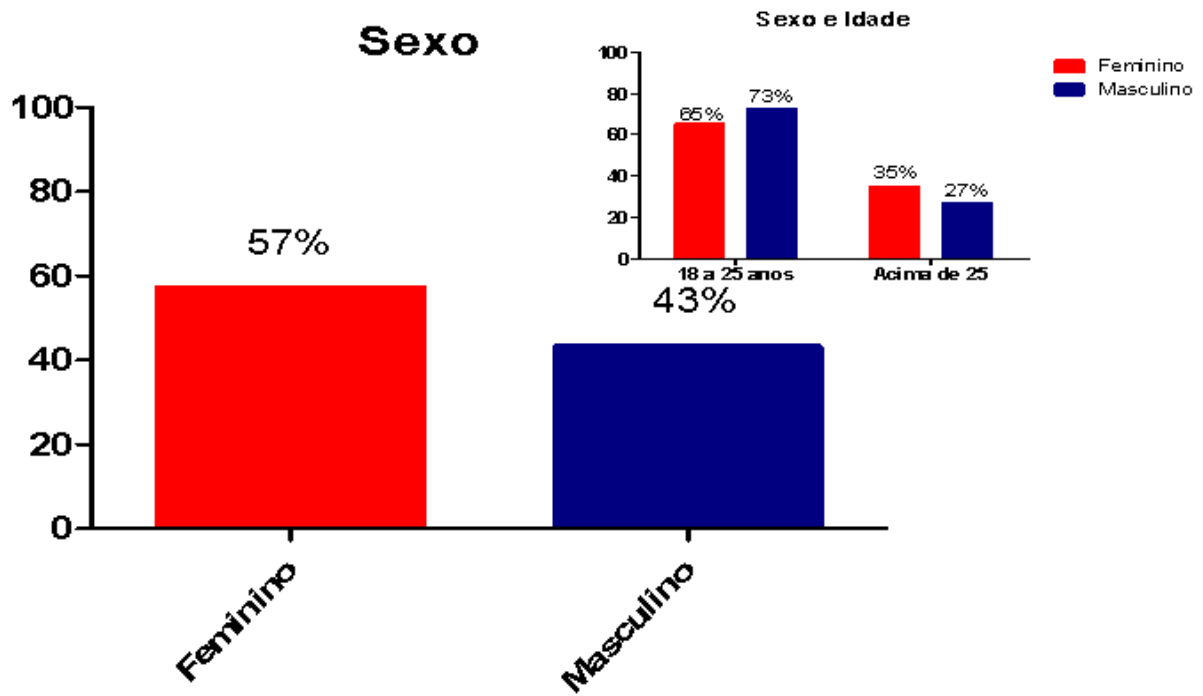


Figura 1. Quantidade de entrevistados distribuídos por idade e sexo.

Quando indagadas se alguma vez na vida fizeram uso de alguma substância psicotrópica, 179 (52%) das mulheres responderam que sim e 165 (48%) disseram que não. A mesma questão foi respondida por indivíduos do sexo masculino: 166 (62%) deles afirmaram que já utilizaram substâncias psicotrópicas ao menos uma vez na vida, contrapondo os outros 102 (38%) dos entrevistados que disseram nunca ter utilizado substâncias psicotrópicas (Figura 2).

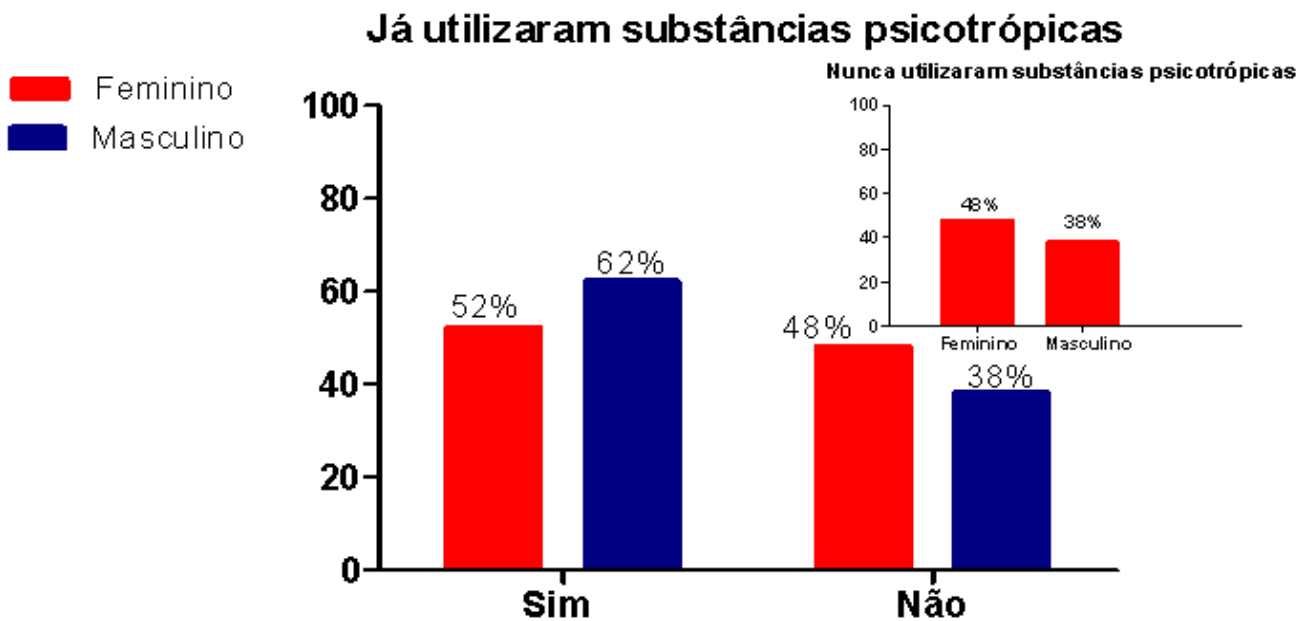


Figura 2. Quantidade de entrevistados que já utilizaram substâncias psicotrópicas ilícitas, distribuídos por sexo

Questionados sobre as drogas de abuso com as quais tiveram contato ao menos uma vez na vida, alunos que afirmaram já ter utilizado algum tipo de substância psicotrópica citaram mais vezes a maconha, como é possível observar na Figura 3. Os dados apontam que 18% dos entrevistados do sexo masculino relataram ter feito uso de maconha ao menos uma vez na vida e 16% das mulheres entrevistadas já consumiram esta substância neste quesito.

Em segundo lugar está a cocaína, onde 9% dos homens e 5% das mulheres relataram que consumiram esta droga ao menos uma vez na vida, seguida dos inalantes e solventes com 8% das respostas dos homens e 3% das mulheres, tranquilizantes com 2% dos homens e 8% das mulheres, alucinógenos com 1% dos homens entrevistados e 2% das mulheres, crack com 4% do sexo masculino e 1% do sexo feminino, ecstasy com 2% das mulheres e 1% dos homens, esteróides com 2% dos homens (não houve relato feminino) anfetaminas e opiáceos com 1% para cada sexo em ambas as drogas e por fim o chá de ayahuasca com 1% dos homens entrevistados, as mulheres não relataram uso desta droga.

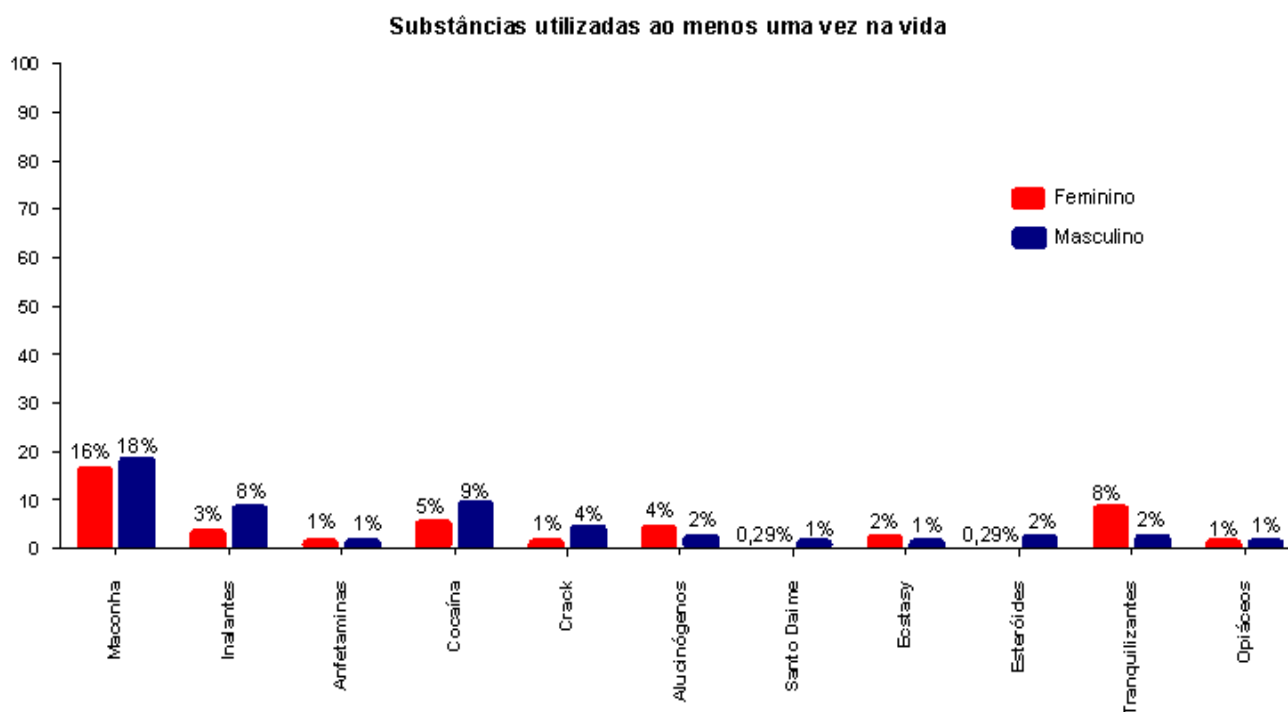


Figura 3. Uso de substâncias psicotrópicas ilícitas pelo menos em uma vez na vida, de acordo com o sexo

Avaliando novamente as respostas de estudantes que relataram já ter feito o uso de substâncias psicotrópicas, a maconha voltou a ser a droga mais citada quando quantificadas as substâncias ilícitas utilizadas pelos referidos entrevistados ao menos uma vez no último ano. 6% das mulheres e 5% dos homens referiram tê-la consumido. Em segundo lugar ficaram os tranquilizantes, cujo uso fora afirmado por 4% das mulheres e 1% dos homens, seguidos por inalantes, utilizados por 3% dos entrevistados no último ano, sendo 2% mulheres e 1% do sexo masculino, alucinógenos que tiveram seu emprego afirmado por 1% das mulheres e 0,37% dos homens, esteroides com uso referido por 0,29% das mulheres e 1% dos homens, cocaína cujo uso fora revelado por 1% dos homens entrevistados, mas não foi citada pelas mulheres, anfetaminas citadas por 1% das mulheres, sem referência dos homens, opiáceos foi citado por 0,29% das mulheres e 0,37% dos homens e ecstasy com uso referido por 0,29% dos entrevistados, neste caso apenas por mulheres (Figura 4).

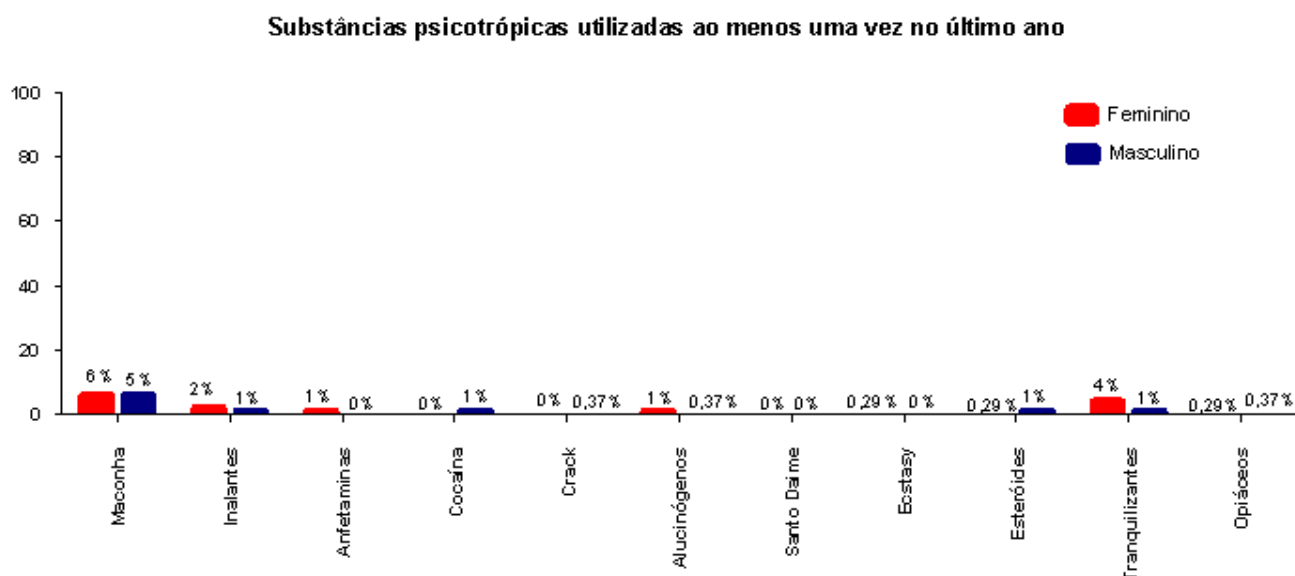


Figura 4. Uso de substâncias psicotrópicas ilícitas pelo menos em uma vez no ano anterior à pesquisa, de acordo com o sexo

Dos indivíduos que relataram já ter utilizado algum tipo de substância psicotrópica, 3% do sexo feminino disseram ter utilizado a maconha no último mês e 2% do sexo masculino, fazendo que, assim como apontado nas Figuras 4 e 5, a droga fosse elencada em primeiro lugar. Os tranquilizantes apareceram em segundo lugar com 2% das respostas do sexo feminino e 1% do sexo masculino, seguidos pela cocaína com 1% do sexo masculino e 0,29% do sexo feminino, alucinógenos com 0,29% das mulheres e 0,37% dos homens, esteroides e inalantes que não foram citados por mulheres, mas têm seu uso relatado por 0,37% dos homens cada, anfetaminas e opiáceos, que embora não tenham sido referidos por homens, tiveram o uso relatado por 0,29% das mulheres cada. As demais drogas não foram citadas neste quesito, conforme a Figura 5.

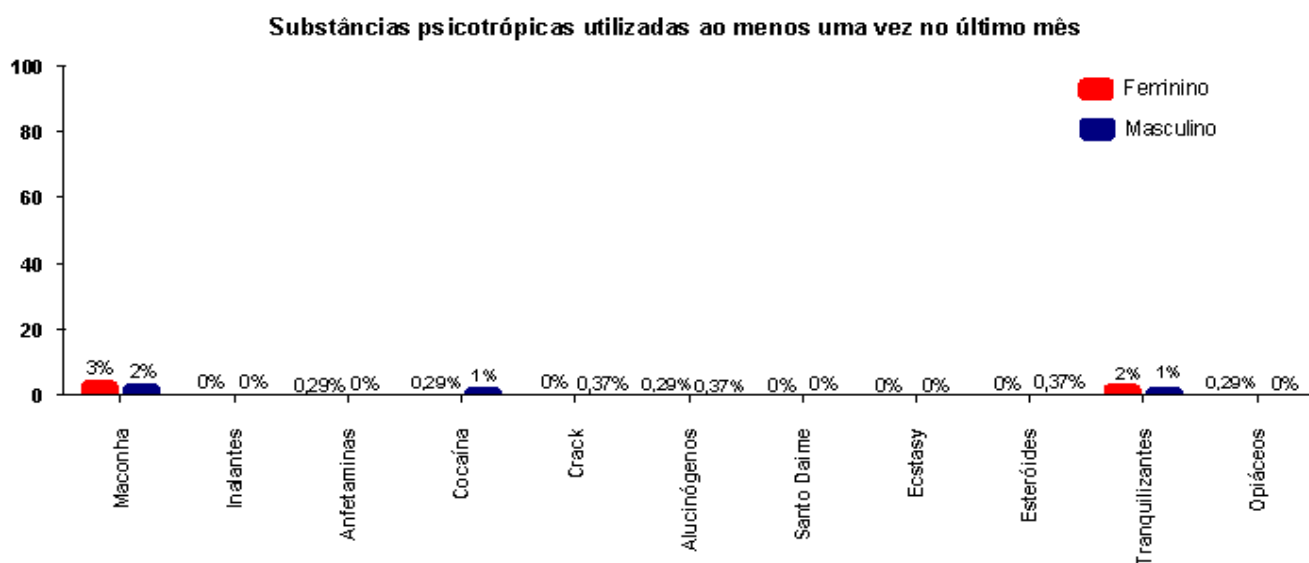


Figura 5. Uso de substâncias psicotrópicas ilícitas pelo menos uma vez no mês anterior à pesquisa, de acordo com o sexo

Aqueles que afirmaram já ter tido contato com drogas psicotrópicas, também responderam acerca da frequência com que utilizam tais substâncias (Figura 6). 7% das mulheres e 5% dos homens afirmaram utilizá-las ao menos uma vez por semana, 2% das mulheres e 3% dos homens responderam fazer uso de duas a três vezes por semana. Ainda considerando a periodicidade do uso, 5% das participantes e 4% dos homens relataram utilizar os compostos psicotrópicos todos os dias. A maior parte dos participantes, 20% das mulheres e 12% dos participantes do sexo masculino, afirmou que utilizam tais substâncias apenas nos finais de semana.

Frequência do uso de substâncias psicotrópicas pelos entrevistados

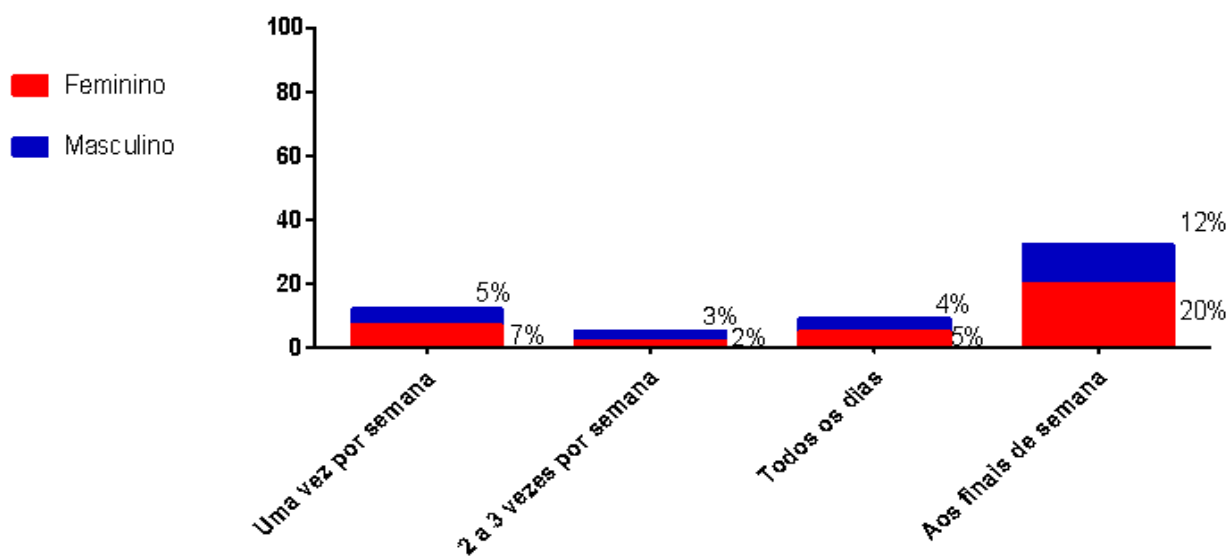


Figura 6. Frequência do uso de substâncias psicotrópicas ilícitas, discriminada por sexo

A maior parte dos entrevistados que disseram utilizar alguma droga psicotrópica, 42% do sexo feminino e 20% do sexo masculino, relatou que as drogas que eles utilizam possuem uma importância entre 0 e 2 em uma escala de 0 a 10. 6% dos homens e 4% das mulheres disseram que a droga utilizada possui importância entre 2 e 4 na mesma escala, 4% do sexo feminino e 3% do sexo masculino citaram importância entre 4 e 6. Os que responderam que a droga utilizada possui importância entre 6 e 8 totalizaram 2% do sexo feminino e 2% do sexo masculino e apenas 1% dos homens entrevistados e 1% das mulheres relataram que a droga por eles utilizada possui grau de importância entre 8 e 10 em uma escala de 0 a 10, conforme demonstrado na Figura 7.

Importância das substâncias psicotrópicas segundo entrevistados que as utilizam

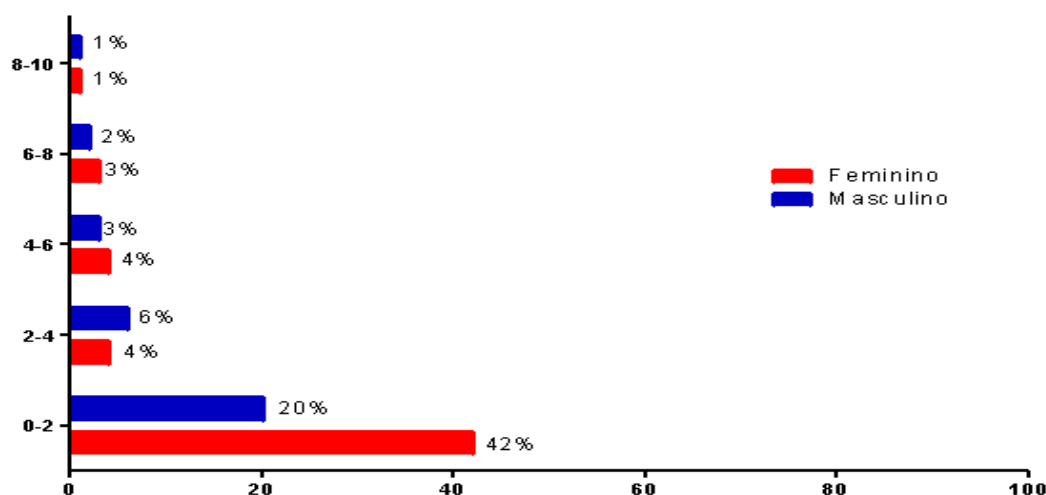


Figura 7. Importância das substâncias psicotrópicas ilícitas segundo os entrevistados que as utilizam, de acordo com o sexo

5 DISCUSSÃO

Mesmo que todas as perguntas feitas no questionário entregue sigam um padrão idealizado com o intuito de coletar dados quantitativos e houvesse a garantia do anonimato, ainda é possível que alguns alunos tenham se absterido de responder, omitido ou mentido sua resposta em alguma questão, seja por desconfiança, autocensura ou medo de ações retaliativas da instituição, no entanto o fato da pesquisa ser realizada em sala de aula e ser autoaplicável diminuem as taxas de rejeição e respostas que não condizem com a realidade.

A maioria dos entrevistados caracterizava-se na faixa etária compreendida entre os 18 e 25 anos. Segundo Silveira et al. (2007), o uso de drogas afeta principalmente jovens adultos entre 18 e 24 anos. Neste período as drogas de abuso podem aumentar a incidência de problemas comportamentais e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, além de gestações indesejadas. Por isso julga-se importante o planejamento e implantação de ações preventivas, proibitivas e coibitivas do uso de drogas, pois é esta a faixa etária da maioria dos alunos ingressantes em universidades.

Para a avaliação e entendimento dos números obtidos como resultado da aplicação da porção prática deste trabalho, temos que considerar que há limitação na generalização de dados comparativos entre fatores como sexo e idade, se baseados apenas no levantamento realizado por meio dos questionários, haja vista que a população entrevistada não era homogênea em gênero ou delimitação de faixa etária, para que houvesse o confronto de números obtidos dos grupos citados após avaliação pelo mesmo objeto de pesquisa; neste caso, o formulário com perguntas pertinentes ao uso de substâncias psicotrópicas ilícitas. Há ainda que ser ressaltado que estudos semelhantes a este foram anteriormente realizados com amostra populacional em número superior, no entanto, os resultados obtidos neste levantamento são de igual relevância, e estão de acordo com grande parte da literatura pesquisada, consumando o fato de que a universidade e os eventos que a permeiam podem ser substratos no consumo de drogas por parte do corpo discente.

Para Fonte (2007), consumir drogas é antes de

tudo um ato que depende do sentido que faz para o sujeito, enquanto a adicção decorre da forma como ele interage e classifica esse comportamento. Segundo os dados coletados a maioria dos participantes que utilizam alguma substância psicotrópica, o faz aos finais de semana apenas. Tal acontecimento foi justificado por Barría et al. (2000) pelos acontecimentos culturais, mais frequentes aos finais de semana, o que sugere que o uso de drogas pode também se tornar um hábito, impulsionado sobretudo pela presença de mais de um usuário no mesmo local, fazendo com que a droga funcione também como um meio de aproximação social.

A toxicodependência é um estado de intoxicação crônica do organismo que é altamente prejudicial ao indivíduo e à sociedade, que é produzido pela administração de uma droga, seja ela natural ou sintética e se caracteriza principalmente pela necessidade incoercível de continuidade do uso segundo Cardoso (2007). Desta maneira a substância passa a assumir grande importância na vida do indivíduo, que na tentativa de aliviar sintomas de abstinência, reviver o efeito positivo da droga sobre o SNC ou impulsionado pelo ambiente que o cerca, busca a droga em detrimento de outros afazeres de seu cotidiano, e sem tratamento aumenta a frequência do uso, até utilizá-la todos os dias, como no caso de 9% dos entrevistados que afirmaram fazer uso de substâncias psicotrópicas diariamente. Sabe-se ainda que em alguns casos o aumento de dose precede o uso de outras drogas em concomitância. Segundo Manita (2001), o toxicodependente é definido como um indivíduo cuja vida é centrada na dependência a tal ponto que livrar-se do vício é dificultoso, inclusive quando seus efeitos são destrutíveis. Sendo assim, indivíduos cuja resposta à indagação que requeria a quantificação numérica da importância da droga em sua vida mostrou-se em número elevado, possuem provavelmente grau de toxicodependência. Cabe ainda ressaltar que embora algumas pessoas tenham respondido utilizar a droga todos os dias, acabaram por assinalar baixa importância do composto psicotrópico em sua vida cotidiana, fato que pode ser esclarecido como a negativa inconsciente e por vezes infundada do vício.

Diversos trabalhos como os de Tockus e Gonçalves (2008), Chiapetti e Serbena (2007) e Andrade, Duarte e

Oliveira (2010) também demonstraram que a maconha foi a droga ilícita mais citada entre universitários que fizeram uso de alguma substância ilícita uma vez na vida e no último ano. Com exceção de Tockus e Gonçalves (2008) os outros dois trabalhos citados também concordaram ao fato desta droga ser a substância ilícita mais utilizada no último mês.

Para Soldera et al. (2004), o fato da maconha ser a droga ilícita mais citada deve-se ao fato dela ser considerada por muitos jovens, e até mesmo por seus familiares, uma droga leve tornando-a mais aceitável. Fonseca et al. (2007) relatam que o uso desta droga geralmente é intermitente e limitado, pois os jovens costumam parar de usá-la por volta dos 20 anos e dificilmente entram em um consumo diário por anos seguidos. No entanto estima-se que uma em cada dez pessoas que experimentaram maconha tornam-se usuárias diárias e que 20 a 30% a consomem semanalmente (JUNGERMAN; LARANJEREIRA; BRESSAN, 2005).

A cocaína aparece em segundo lugar entre as drogas ilícitas utilizadas ao menos uma vez na vida, fato visto apenas no trabalho de Gabriel et al. (2004), onde o uso desta substância aparece nesta posição entre os estudantes de enfermagem, porém estes resultados se contrapõem a pesquisas semelhantes a este trabalho, como a de Andrade, Duarte e Oliveira (2010), onde o uso de inalantes apareceu na segunda posição e Santos, Pereira e Siqueira (2013), que relataram o uso da maconha como a segunda droga ilícita mais utilizada ao menos uma vez na vida. Na visão de Araújo, Gontíes e Nunes Júnior (2007) a principal causa do uso da cocaína entre os jovens é a busca pela fuga dos problemas. Lemos et al. (2007) sugerem que o uso frequente de cocaína está relacionado ao precoce uso regular de cigarros, dependência de nicotina e uso frequente de álcool e maconha.

O crack, que é uma mistura de cocaína em forma de pasta não refinada com bicarbonato de sódio (ROCHA, 2010), foi citado em todos os quesitos desta pesquisa. O sexo masculino foi predominante quanto ao uso desta substância, este fato também foi relatado no estudo de Pulcherio et al. (2010). Este estudo ainda relata que o uso da cocaína possui relação com 1% a 15% das mortes relacionadas a drogas e que esta substância

também é fator importante para as mortes por problemas cardiovasculares.

O uso de tranquilizantes também foi bastante citado entre os entrevistados, ficando em segundo lugar quando consideramos o uso de drogas ao menos uma vez no último ano, mês ou dia. Em um trabalho realizado por Moraes et al. (2013) o uso destas substâncias apareceu na terceira posição entre alunos de medicina da Universidade Federal do Tocantins com relação ao uso na vida e no último mês (11,9% e 5,5% respectivamente), isto levando em consideração apenas as drogas ilícitas. Este mesmo trabalho ainda relatou que estas substâncias ocorreram em maior frequência entre alunos que não trabalhavam. Rocha e Cardoso (2013) relacionaram o uso de tranquilizantes com alunos do último ano do curso de medicina ao fato do estresse do final do curso, dos plantões e da proximidade do exame de residência, análise que pode também ser válida aos estudantes dos demais cursos universitários.

As mulheres sobressaíram quanto ao uso de tranquilizantes, indiferente da idade, fato concordante com Andrade, Duarte e Oliveira (2010), que relataram o uso dessas substâncias em até duas vezes mais pelo sexo feminino, porém este relato não é percebido no trabalho de Moraes et al. (2013), onde o consumo aparece semelhante entre os sexos com uma leve vantagem para o sexo masculino (13,4% dos homens e 10,5% das mulheres).

As mulheres também aparecem como as que mais fazem uso de anfetaminas em todos os aspectos questionados, porém, no trabalho de Andrade, Duarte e Oliveira (2010), o uso destas substâncias aparece de forma mais acentuada pelos entrevistados que neste presente trabalho, uma vez que no referido estudo o uso destas substâncias entre as mulheres alcançou 18,1% de uso na vida, 14,31% no último ano anterior à pesquisa e 11,7% no último mês anterior à pesquisa; vale salientar que no ano da pesquisa supracitada a venda destas substâncias ainda não era proibida pela ANVISA e que o levantamento de dados do presente trabalho foi realizado antes da comercialização destas drogas ser novamente liberada pelo mesmo órgão regulamentador.

Chiapetti e Serbena (2007) destacaram em seu estudo que o uso de anfetaminas obteve maiores

resultados entre os cursos de nutrição, psicologia e educação física. Estes autores sugerem que estes cursos são predominantemente frequentados por mulheres e que elas sofrem maior pressão social para a manutenção do peso corporal, sendo esta a principal indicação do uso destas substâncias. Outro fator sugerido pelo referido estudo é o fato de que algumas formas de anfetaminas também são muito utilizadas pelo seu efeito estimulante sobre a atividade do sistema nervoso central, deixando os usuários mais “acesos”, “ligados”, reduzindo o sono, o que também poderia explicar, em parte, o consumo mais elevado nestes cursos.

O uso de inalantes e solventes ficou igualado ao uso de tranquilizantes quando consideramos o consumo ao menos uma vez na vida. No trabalho de Andrade, Duarte e Oliveira (2010), estas substâncias ficaram atrás apenas da maconha quando consideramos o mesmo quesito (20,4% dos entrevistados), resultado semelhante à pesquisa de Tockus e Gonçalves (2008), onde estas substâncias aparecem na mesma posição com 21,9% dos entrevistados. Em uma pesquisa realizada entre alunos do curso de farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo, o uso de inalantes e solventes ao menos uma vez na vida apareceu em primeiro lugar com 18,2% das respostas dos entrevistados (PORTUGAL et al., 2008), fato também demonstrado por Canuto, Ferreira e Guimarães (2006), que revelaram que 23% dos entrevistados fizeram uso destas substâncias ao menos uma vez na vida, nenhuma outra substância ilícita superou este índice.

Canuto, Ferreira e Guimarães (2006) relatam que o consumo de inalantes e solventes dá-se geralmente em bares/danceterias e casas de amigos o que sugere que o uso destas substâncias está associado a atividades recreativas. Estes autores ainda sugerem que o elevado índice de consumo destas drogas associa-se à facilidade de obtenção das mesmas, pois segundo eles quanto maior o acesso às drogas maior a chance de o jovem vir a consumi-la. Em contrapartida, Wagner (2011) propõe que o uso destas substâncias vem diminuindo ao longo dos anos entre os universitários, provavelmente porque está ocorrendo a substituição de seu uso por outras drogas com fins recreacionais, como as “club drugs”, ou que o uso esteja sendo feito apenas com o intuito de experimentação.

Os opiáceos foram pouco citados entre os entrevistados, este fato é corroborado por diversas pesquisas deste gênero como sugerido no trabalho de Wagner (2011). O referido estudo ainda relata que os dados referentes ao uso destas substâncias no Brasil são escassos, porém que não houve crescimento do uso destas drogas na América Latina, segundo o relatório da Organização das Nações Unidas referente ao ano de 2010.

O uso dos alucinógenos ficou aquém ao resultado obtido no trabalho realizado por Canuto et al. (2006), onde o uso destas substâncias alcançou 3,8% entre os universitários; vale ressaltar que o referido trabalho demonstrou que esta classe de droga têm prevalência maior nas classes A/B (4,5% dos entrevistados desta classe) do que nas classes C/D (1,5%), o que sugere que estas drogas são de difícil acesso devido ao preço elevado.

6 CONCLUSÃO

Mediante os dados obtidos neste estudo, foi possível averiguar que grande parte dos estudantes universitários já teve contato com algum tipo de substância psicotrópica em algum momento na vida, este fato é extremamente preocupante, pois nos remete à realidade circunstancial de que pouco tem sido feito para que este quadro seja revertido ou que estes esforços não tenham alcançado proveitos desejados, provavelmente pela razão de que os dados existentes não sejam suficientes para que possam acrescentar medidas preventivas mais eficazes.

Mesmo em âmbito repleto de informações há a necessidade de conscientizar e prover conhecimento sobre o assunto aos estudantes. Para que seja instaurada ação de tal porte, faz-se necessária a compreensão antropológica e de aspectos sociais a fim de caracterizar, de antemão, o uso de substâncias hedônicas nas universidades, a fim de fornecer subsídios para o debate e adoção de posições institucionais, considerando e priorizando não apenas a legislação brasileira mas, sobretudo, as repercussões físicas e mentais desenvolvidas por usuários de substâncias psicotrópicas ilícitas.

Como mencionado ao longo deste estudo, os jovens são mais vulneráveis quanto ao uso de drogas do

que o resto da população em geral, esta gama de aspectos mantém-se quando discutimos o uso de drogas em um contexto particular, como o ambiente universitário, haja vista que o ingresso neste meio aumenta de forma ainda mais intensa os fatores que podem levar à experimentação ou até mesmo ao uso contínuo de drogas.

O levantamento de dados elaborado sugeriu em seu resultado a necessidade de que a motivação subjacente ao uso/abuso de drogas e os estágios motivacionais e para a modificação de comportamentos aditivos e facilitadores do ingresso no vício sejam enfatizados em estratégias de intervenção com a população alvo.

Posto que o trabalho realizado pode ampliar as discussões sobre a questão do uso de substâncias psicoativas e mostra também a necessidade de realização de outros estudos que levem à melhoria dessa complexa problemática contemporânea, salienta-se que este estudo, portanto, contribui para um melhor entendimento sobre o uso destas substâncias entre este grupo de indivíduos, e serve de amparo para desenvolver novas fontes preventivas a fim de que haja melhores resultados no que diz respeito à reeducação e diminuição do uso destas substâncias, auxiliando na melhoria da qualidade de vida, uma vez que a toxicod dependência constitui um sério agravante para a saúde pública.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. I. **Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.
- ARAÚJO, F. L.; GONTIÉS, B.; NUNES JÚNIOR, J. Representações sociais da cocaína: estudo comparativo entre universitários das áreas de saúde e jurídica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 3, p. 315-323, jul./set. 2007.
- BARBOSA, T. D.; MIRANDA, M. P. Manifestações do uso da maconha e opiáceos durante a gravidez. **Rev. Feminina**, v. 39, n. 8, 2011.
- BARRÍA, A. C. R. *et al.* Comportamento do universitário da área de biológicas da Universidade de São Paulo, em relação ao uso de drogas. **Revista Psiquiatria Clínica**, v. 27, n. 4, p. 215-224, 2000.
- BERRIDGE, K. C. The debate over dopamine's role in reward: the case for incentive salience. **Psychopharmacology (Berl)**, v. 191, n. 3, p. 391-431, 2007.
- BOTTI, N. C. L. et al. Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da universidade católica de Minas Gerais. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 6, n. 1, 2010.
- CANUTO, M. H. A.; FERREIRA, R. A.; GUIMARÃES, E. M. B. Uso e abuso de drogas ilícitas por jovens do 1º ano da Universidade Federal de Goiás. **Rev. Paul. Pediatría**, v. 24, n. 2, p.135-142, 2006.
- CARDOSO, C. M. **Psicopatologia geral e especial**. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto. 2007. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/docentes___/cmota_cardoso/slides/psic_especial/9_toxicoddependencia/toxicoddependencia_1_18.pdf>. Acesso em: 03 out. 2014.
- CHIAPETTI, N.; SERBENA, C. A. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 303-313, 2007.
- FONSECA, A. A. et al. Representações sociais de universitários de psicologia acerca da maconha. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 441-449, out./dez. 2007.
- FONTE, C. O. Consumo de drogas e os comportamentos aditivos: modelos teórico-explicativos. **Rev. da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa**, n. 4, p. 238-250, 2007.
- GABRIEL, S. A. et al. Consumo de álcool e drogas ilícitas entre estudantes de medicina, biologia e enfermagem. **Rev. Fac. Ciênc. Méd.**, Sorocaba, v. 6, n. 2, p. 30-37, 2004.
- JUNGERMAN, F. S.; LARANJEREIRA, R.; BRESSAN, R. A. Maconha: qual a amplitude de seus prejuízos. **Rev Bras**

- Psiquiatr.**, v. 27, n. 1, p. 5-6, 2005.
- KALIVAS, P. W.; O'BRIEN, C. Drug addiction as a pathology of staged neuroplasticity. **Neuropsychopharmacology**, v. 33, n. 1, p. 166-180, 2008.
- LEMOS, K. M. et al. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de Medicina de Salvador (BA). **Rev. Psiqu. Clín.**, v. 34, n. 3, p. 118-124, 2007.
- MANITA, C. Evolução das significações em trajetórias de droga-crime(II): novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes. **Toxicodependências**, v. 7, n. 3, 2001.
- MORAES, D. P. A. et al. Prevalência do uso de drogas psicotrópicas por estudantes de medicina da Universidade Federal do Tocantins. **Arq. Med. Hosp. Fac. Cienc. Med. Santa Casa São Paulo**, v. 58, n. 3, p.127-133, 2013.
- PINTO, A. R. R. L. A construção da toxicodependência como doença através das práticas, 2012. 100f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2012.
- PORTUGAL, F. B. et al. Uso de drogas por estudantes de Farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. **J. Bras. Psiquiatr.**, v. 57, n. 2, p. 127-132, 2008.
- PULCHERIO, G. et al. **Crack: da pedra ao tratamento**. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, v. 54, n. 3, p. 337-343, jul./set. 2010.
- ROCHA, C. **Crack, a pedra da morte: desafios da adicção e violência instantâneas**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados; Centro de Documentação e Informação, out. 2010. p. 1-15.
- ROCHA, S.; CARDOSO, C. O uso e o abuso de drogas entre universitários. **Jornal UFG**, v. 5, n. 59, jun. 2013, p. 15.
- SANTOS, M. V. F.; PEREIRA, D. S.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013.
- SILVA, L. V. E. R. et al. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 2, p. 280-288, 2006.
- SILVEIRA, C. M. et al. Heavy episodic drinking in São Paulo epidemiologic catchment area study in Brazil: gender and sociodemographic correlates. **Journal Studies on Alcohol and Drugs**, v. 68, n. 1, p. 18-27, 2007.
- SOLDERA, M. et al. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 38, n. 2, p. 277-283, 2004.
- TOCKUS, D.; GONÇALVES, P. S. Detecção do uso de drogas de abuso por estudantes de medicina de uma universidade privada. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n. 3, p. 184-187, 2008.
- WAGNER, G. A. **Álcool e drogas: terceira pesquisa sobre atitudes e uso entre alunos na Universidade de São Paulo - Campus São Paulo**. 2011. 245f. Dissertação (Doutorado), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Programa de Psiquiatria, 2011.
- WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. Uso de álcool e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, n. 1, p. 48-54, 2008.
- YAMAGUCHI, E. T. et al. Drogas de abuso e gravidez. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, n. 1, p. 44-47, 2008.

Recebido em: 07 de novembro de 2014

Aceito em: 16 de dezembro de 2014